

Competências Femininas? Desvelando o agir competente na atividade de costureira

Female skills? Unveiling competent performance in the seamstress activity

¿Competencias de las mujeres? Revelando la acción competente en la actividad costurera

*Mislene Aparecida Gonçalves Rosa*¹

*Daisy Moreira Cunha*²

RESUMO

Este artigo objetiva debater o agir competente de forma sexuada e sua atribuição às mulheres e aos homens de forma diferenciada e naturalizada de acordo com o sexo biológico. Os achados da pesquisa possibilitaram identificar e compreender o agir competente das costureiras desvelando sua complexidade.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Sociais de Sexo. Divisão Sexual do Trabalho. Abordagem Ergológica do Trabalho. Costureiras.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the attribution of competence based on sex and gender, which differentiates and naturalizes women's and men's actions according to biological sex. The research findings make it possible to identify and understand the competences of seamstresses, revealing their complexity.

KEYWORDS: Social Relations of Sex. Sexual Division of Labor. Ergological Approach to Work. Seamstresses.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir la actuación competente con base en el género y su atribución a mujeres y hombres de forma diferenciada y naturalizada según el sexo biológico. Los hallazgos de la investigación permitieron identificar y comprender las competencias de las costureras, revelando su complejidad.

PALABRAS CLAVE: Relaciones Sociales de Sexo. División Sexual del Trabajo. Enfoque Ergológico del Trabajo. Costureras.

¹ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFMG. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Mestra em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG. Graduação em Engenharia Mecânica e Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas. E-mail: misleneag@gmail.com.

² Pós-Doutorado na Universidade de Paris (2016-2017) em Sociologia e Economia do Trabalho. Pós-Doutorado no Conservatoire National des Arts et Métiers - CNAM/Paris (2009) em Educação de Adultos. Doutorado em Filosofia (Epistemologia e História da Filosofia) na Aix-Marseille Université (2005). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1995). Graduação em Pedagogia pelo Instituto de Educação de Minas Gerais (1989). Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais; membro da Linha de pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana do PPGE-UFMG; Membro do PROMESTRE/UFMG; Pesquisadora Produtividade 2 CNPq. E-mail: daisycunhaufmg@gmail.com.

Introdução

Abordar a atividade de trabalho significa estar diante de um universo de aspectos bastante amplos em que vários temas podem se encontrar, assim, diante de um campo enorme de possibilidades escolheu-se: divisão sexual do trabalho e competências como temáticas. Buscou-se articular os temas propostos a fim de localizar um objeto em especial, competências constituídas na esfera do trabalho reprodutivo e no trabalho produtivo, analisando a atividade de trabalho no ofício de costureira.

O ofício de costureira pode ser considerado como verdadeiro nicho ocupacional feminino; a título de exemplo, pode-se mencionar que o trabalho é realizado no âmbito privado, observando-se a constituição de espaços sexuados que transformam o mundo público em masculino e o privado em feminino.

A separação dos espaços desenrola-se com suporte nas características concebidas como naturais, homens para a razão e para os negócios, enfim para a vida pública; e para as mulheres o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à posição que ocupam na família e na sociedade, como a cooperação com o outro sexo, a obediência, o altruísmo, a docilidade, a delicadeza, entre outros adjetivos, o que fez com que o mundo privado da casa e tudo o que lhe dizia respeito fosse transformado em território feminino. Essas são concepções biologizantes e representações sexistas, em voga entre o final dos séculos XIX e início do XX (PERROT, 2005), mas que em certa medida permanecem nos dias atuais.

A divisão do trabalho baseada na dinâmica de “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, toma como referência a diferença sexual. Mulheres e homens são direcionados a assumirem diferentes funções sob a justificativa de serem biologicamente mais adequados para determinadas tarefas e não outras. No entanto, esta divisão baseada na concepção de que a diferença

biológica dos sexos masculino e feminino representaria também uma diferença de habilidades e competências que mulheres e homens carregariam naturalmente em seus corpos biológicos, é um argumento que contribui para a desvalorização do trabalho feminino, naturalizando as desigualdades entre os sexos.

Propõe-se aqui pensar o conceito de sexo além do determinismo biológico. Defende-se que, embora mulheres e homens tenham diferenças biológicas, no mundo do trabalho as dificuldades enfrentadas pelas mulheres geralmente decorrem das normas de gênero, expectativas e oportunidades diferentes em relação a mulheres e homens, e não das diferenças biológicas entre os sexos. De acordo com Guimarães (2016, p. 18), “o sexo enquanto objeto sociológico é tão somente uma relação de poder a partir da qual operam outros processos sociais diversos”.

Dar visibilidade ao modo singular da atividade feminina frente às proposições do meio é o fio de onde pode-se tecer a trama para compreender em que medida os saberes constituídos pelas mulheres no âmbito do trabalho reprodutivo são mobilizados nas relações de trabalho produtivo, apontando aspectos da dinâmica entre estes, por meio da análise das competências evidenciadas em situações de trabalho.

A formação profissional de uma mulher é impactada por competências, mais ou menos invisíveis, decorrentes da experiência nas diferentes esferas sociais. A esfera do trabalho doméstico é particularmente importante na estruturação do agir competente e na constituição de valores pertinentes ao mundo do trabalho.

Metodologia

A metodologia apresentada para o desenvolvimento da pesquisa tem sua escolha justificada pelo objeto e pelas questões diante das quais ele nos coloca; desta forma, utilizaram-se três técnicas de coleta de dados: i) imersão no campo; ii) observação; e iii) entrevista semiestruturada.

Realizou-se um estudo preliminar participando de um curso de Corte e Costura com duração de quatro meses. Este estudo prévio teve a finalidade principal de elaborar um instrumento de coleta de dados baseado nas experiências reais dos sujeitos de pesquisa, no seu vocabulário e ambiente de trabalho. A natureza qualitativa e contextual do estudo preliminar se aproxima do procedimento metodológico denominado pesquisa exploratória. Conforme Quivy e Campenhoudt (1998, p. 72), “define-se pesquisa exploratória, na qualidade de parte integrante da pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer”.

Poder-se-ia pensar o local escolhido para a pesquisa empírica, sala de costura de mulheres que trabalham em casa, como um ambiente bastante comum e rotineiro; logo o estudo preliminar permitiu minimizar os efeitos que distorcem a percepção, permitiu que a realidade fosse percebida tal como ela é, e não como se pensava que fosse.

O estudo preliminar, da maneira proposta neste estudo, ocorreu de forma aberta e flexível com o objetivo de encontrar pistas de reflexão, descobrir enfoques e percepções, contribuindo para que, pouco a pouco, as percepções da pesquisadora fossem se ajustando à percepção dos sujeitos de pesquisa. Essa estratégia permitiu um entendimento do objeto de pesquisa e possibilitou a definição de um percurso metodológico que favorecesse a sua ampliação.

Posteriormente, utilizou-se da técnica de observação para apreensão das atividades realizadas; optou-se por escolher duas costureiras como sujeitos de pesquisa para investigar detalhadamente sua atividade de trabalho.

De acordo com Velho (1978, p. 123), na observação o/a pesquisador/a deve captar as experiências e vivência do objeto de estudo e, ao mesmo tempo, deve mergulhar no problema da pesquisa com uma distância social e psicológica. Sendo assim, pautou-se na observação direta da atuação das

costureiras. Tal procedimento permitiu observar o fenômeno estudado mais de perto e, ainda, no momento em que está ocorrendo o trabalho real.

Os primeiros dias de observação foram filmados. Importante informar que as costureiras foram avisadas que estavam sendo gravadas. Além da gravação do áudio e vídeo, fez-se também um registro escrito de alguns acontecimentos que chamaram mais a atenção da pesquisadora em diário de campo.

A princípio, a observação seria o único instrumento de coleta de dados, no entanto no decorrer do processo, por vezes, considerou-se muito difícil apenas observar, visto que a observação não parecia nem completa, nem consistente para responder à problemática de pesquisa. Sendo assim, em face da natureza dos objetivos da pesquisa, além da observação direta da atuação das costureiras, optou-se também pela realização de entrevistas semiestruturadas.

A entrevista semiestruturada possibilitou a exposição espontânea do sujeito sobre fatos e informações, bem como permitiu observar atitudes e esclarecer dúvidas sobre percepções, sentimentos e atitudes relativos aos saberes requeridos, mobilizados, reconhecidos e valorizados na atividade da costureira, função socialmente considerada feminina.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra, possibilitando uma análise que inter-relacione a percepção e a realidade das costureiras em relação à realização de sua atividade e seus saberes teóricos e práticos.

Após o consentimento de Jade e Ágata (nomes fictícios) iniciou-se o processo de observação da atividade no respectivo local de trabalho. Elas demonstraram bastante receptividade, o que contribuiu para os resultados do estudo.

Durante as entrevistas a pesquisadora manteve-se na maior parte do tempo calada, exceto nos momentos de explicação inicial e arguição das perguntas, não interrompendo, de forma a não influenciar as respostas das

costureiras. O objetivo era deixá-las falar livremente, expondo o máximo possível o seu ponto de vista, justificativas e razões.

Jade: 51 anos, casada, um filho. Interessou-se por costura ainda criança quando via a mãe costurando em casa. Começou a costurar profissionalmente quando precisou de uma fonte de renda para sustentar a família enquanto o marido estava desempregado. Depois que começou a trabalhar nunca mais parou. Ela relata que herdou a profissão da mãe, mas de fato gostou de ser costureira. Durante toda sua trajetória alternou entre diferentes posições na costura, trabalhou produzindo peças completas sob encomenda, realizando reformas de peças já prontas e como costureira faccionista. Motivada para manter o cuidado com o filho, priorizou trabalhar em casa.

Ágata: 63 anos, divorciada, dois filhos. Ela relata que sempre gostou de costurar, mas nunca teve uma oportunidade de terminar um curso de qualificação. Iniciou alguns cursos de modelagem, corte e costura, mas sempre acabava abandonando para cuidar dos filhos pequenos. Aprendeu a costurar com a mãe e a tia, trabalhava em casa fazendo consertos e customizações em roupas já prontas. Hoje, já com os filhos crescidos, montou em casa um ateliê, onde produz peças sob encomenda e, para compor a renda, também faz alguns trabalhos como costureira faccionista.

Naturalização do agir competente

Os apontamentos que serão discutidos neste artigo possibilitaram identificar e compreender alguns ingredientes de competência no ofício de costureira, desvelando sua complexidade, contribuindo para desmistificar a naturalização de competências de mulheres. Schwartz (2007) fala da impossibilidade de objetivação da competência,

[...] ideia de listar, de colocar sobre um mesmo plano tudo o que constitui a competência, me parece totalmente absurda. Mas avaliar não é absurdo, mesmo que quase sempre o seja. Acho que este é um paradoxo incontornável:

é um exercício necessário para uma questão insolúvel. Não se chegará jamais a objetivar a competência. Mas tentar fazê-lo me parece normal, porque, repito, todo mundo avalia, talvez intuitivamente, e o faz desde o momento em que se empreende algo junto. É possível, eventualmente, encontrar, inventar maneiras inteligentes e fecundas, meios de avaliar e diferenciar, para cada um de nós, perfis diferentes de competência. (SCHWARTZ, 2007, p. 219).

De acordo com o autor, competência não é uma noção simples e homogênea, mas relativa a dimensões heterogêneas e imensuráveis da experiência humana. Diante disso, tem-se a noção de competência industriosa, constituída por um conjunto de ingredientes heterogêneos cuja combinação contextualizada é responsável pelo agir competente.

Na perspectiva da abordagem ergológica, entende-se o trabalho como uma atividade humana, ou seja, competência não pode ser equiparada com saberes técnicos, saberes da experiência, saberes do corpo, normas e valores, mas constitui-se em um conjunto combinado e contextualizado, que é responsável pelo agir competente. Nesse contexto, as competências abarcam também as relações sociais de sexo, vivenciadas no espaço de interação social, cuja análise deve ir além da simples polarização entre o masculino e o feminino, em que se consideram as características biológicas de cada sexo como responsáveis pela desigualdade entre homens e mulheres.

Ao analisar as condições de trabalho da mulher, percebe-se mais permanências do que avanços. As determinações inerentes aos papéis sociais resultam em implicações diferenciadas no mundo do trabalho; além disso, tais diferenças são apropriadas pela sociedade e transformadas em desigualdades. Saffioti (1981) explica que a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. Constata-se que a divisão sexual interfere nas formas de trabalho,

reforçando, também, os estereótipos e que, por vezes, as próprias mulheres reforçam os papéis sexuais desempenhados socialmente.

Olinto (2012, p. 69) explica, por meio do conceito de segregação horizontal, que as mulheres tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a estabelecer para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram, ou são levadas a considerar, como mais adequado para elas. Por meio da segregação horizontal as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens.

A segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero. Como as profissões femininas tendem a ser menos valorizadas no mercado de trabalho, a segregação horizontal das mulheres está diretamente relacionada aos princípios organizadores de separação e hierarquia. Primeiramente, separam-se trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e, posteriormente, atribui-se maior valor social agregado ao trabalho do homem, em detrimento do trabalho de mulher (HIRATA; KÉRGOAT, 2007).

Os estereótipos são construções sociohistóricas e ditam como o indivíduo de cada sexo deveria ser e agir, portanto a discussão deve ser direcionada para a ampliação das interpretações que são dadas às diferentes possibilidades de interação entre homens e mulheres no mundo do trabalho, que podem ser reconhecidas e identificadas nas relações sociais de sexo.

Hirata e Kérgoat (2020) corroboram o argumento ao afirmar que colocar a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo no centro dos dispositivos de análise é uma necessidade, visto que permite não apenas tornar visível um grande número de fenômenos que passariam despercebidos, mas igualmente dinamizar os conceitos de trabalho e de divisão social do trabalho e abordar de maneira inclusiva os movimentos sociais em toda a sua amplitude e diversidade.

Compreender as sociedades atuais e sua evolução passa, portanto, pelo reconhecimento da centralidade do trabalho. Mas não é a partir de qualquer conceitualização do trabalho. Ela necessita levar em conta o “trabalho reprodutivo” (como fizeram as feministas italianas) ou, como teorizou a escola francesa da divisão sexual do trabalho, o “trabalho doméstico”, entendendo que ele recobre tanto o trabalho doméstico quanto o trabalho parental ou o trabalho doméstico de saúde. Uma digressão se impõe. As duas noções designam sensivelmente a mesma realidade empírica, porque para nós o trabalho doméstico remetia ao conjunto do trabalho reprodutivo. (HIRATA; KÉRGOAT, 2020, p. 24).

De acordo com Briguglio *et al* (2020), as desigualdades entre mulheres e homens na organização social do trabalho contemporâneo são constatadas de maneira mais imediata no trabalho industrial, em que, desde sua concepção, utilizou-se o trabalho de mulheres e crianças como uma maneira de aprofundar a exploração. No mesmo sentido, a modalidade do trabalho na confecção, concebida como trabalho industrial tipicamente capitalista e feminino, em sua dimensão contemporânea é atravessado por diversas mudanças globais e se estrutura em intensa informalidade, sendo permeado por tensões relativas ao trabalho em domicílio, que incidem de maneiras diferentes entre as trabalhadoras e os trabalhadores.

Ofício de Costureira

No caso do ofício de costureira, mesmo com as mulheres nunca tendo apresentado nenhuma predisposição particular para a atividade, o aproveitamento de saberes e afazeres domésticos utilizados no ofício da costura contribuiu para a construção de uma imagem feminina idealizada, onde a mansidão, a resignação e habilidade com os trabalhos minuciosos eram características femininas e, assim, a imagem da mulher era associada ao lado fraco, aquele a que apenas eram destinadas as tarefas simples e leves, consideradas de menor importância.

Hirata e Kérgeat (2008) propõem pensar a divisão sexual do trabalho a partir da masculinidade e feminilidade, evidenciando o poder dos estereótipos sexuais no mundo do trabalho, de acordo com os quais a masculinidade é associada ao trabalho pesado, insalubre, algumas vezes perigoso, trabalho que requer coragem e determinação, enquanto que a feminilidade é associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia.

Neste sentido, observa-se que as representações sexistas são fabricadas e difundidas pela vida social, são características ensinadas às mulheres como sinônimos de feminilidade, ou seja, características indissociáveis da ideia de trabalho feminino. Entretanto, um olhar mais atento possibilita compreender que as desigualdades de gênero presentes no trabalho feminino são um produto construído pela socialização e pelo acesso a experiências diferentes por mulheres e homens.

No cerne do ofício de costureira o protagonismo feminino deve ser destacado, já que a atividade ganhou força a partir das mulheres, elas foram as primeiras costureiras. Inicialmente, apenas visando contribuir com a manutenção da reprodução do grupo familiar, as mulheres tinham em casa uma máquina e costuravam para os membros de sua família, conforme relato de Jade:

Minha avó tinha aquela máquina antiga de pezinho de pedalar. Ela e minhas tias compravam os tecidos e faziam roupas para o pessoal de casa. (JADE).

A costura como “coisa de mulher” reafirmava os papéis indissociáveis de mãe, esposa e dona de casa; às mulheres eram destinadas tarefas como costurar e bordar, conhecidas como prendas domésticas e que eram práticas ensinadas de mãe para filha. A costura abrangia atividades realizadas em casa como parte do processo de socialização feminino, uma maneira de servir aos filhos e ao marido e, em último caso, de complementar a renda da família.

Wanda Maleronka, no livro “Fazer roupa virou moda. Um figurino de ocupação da mulher”, procura compreender a situação social das costureiras.

A autora reconstitui a formação recebida pelas costureiras, que geralmente acontecia no próprio lar, constituindo-se em um tipo de saber de mulher passado de geração em geração, por meio do qual corpos e mentes eram disciplinados para o trabalho (MALERONKA, 2007, p. 569).

Com o passar do tempo, a atividade de costura, anteriormente exercida de forma gratuita, foi apropriada pelas mulheres como trabalho produtivo remunerado. As mulheres, com tecidos, linhas, agulhas e máquinas de costura, foram de suma importância para o mercado de trabalho. Sendo assim, o ofício de costureira é expressivo quando analisado como força de trabalho feminino, ao possibilitar de forma significativa a inserção das mulheres no espaço público, nas fábricas e em novos postos de trabalho.

Simioni (2008) explica que o ofício fomentou o desenvolvimento das atividades do setor têxtil. As costureiras autônomas e as operárias têxteis – as primeiras alocadas em casa, as segundas nas indústrias – acabaram coexistindo durante o período de grande florescimento da indústria têxtil e permanecendo até os dias atuais, tornando-se então um ofício feminino exemplar, fortemente caracterizado pela informalidade representada pelas atividades exercidas dentro da esfera doméstica.

Diante da expansão dessa atividade, o ofício de costureira abriu espaço para a mão de obra feminina, estimulando outros arranjos na lógica do trabalho produtivo. As costureiras possuem múltiplos mecanismos que são acionados para constituir a renda da família. Elas exercem o ofício em diferentes modalidades – produção da peça completa; conserto e reparo de roupas; e facção – e para cada modalidade do ofício são requisitados diferentes saberes e competências.

Jade e Ágata conhecem e realizam todo o processo do ofício da costura; como trabalham em casa e sozinhas, controlam todo o processo da costura desde a criação, passando pelo desenho e confecção dos moldes, o corte, o alinhavar, o costurar e o consertar. Também possuem todas as ferramentas necessárias para realizar a atividade, sendo que a mais importante é a máquina de costura.

Vamos supor se eu tenho uma peça igual uma camisetinha de alcinha de viés, por ela eu corto outra. Mas o bom mesmo é a gente desenhar, cortar e pegar aquele modelo que você quer e riscar e fazer, aí sim é o serviço completo. (ÁGATA).

As costureiras entrevistadas são proprietárias dos meios de produção e não possuem uma relação de subordinação direta ao capital (ainda que pertençam à classe mais pobre, fruto do lugar que ocupam no sistema capitalista), elas trabalham em casa de forma autônoma e empreendedora, sua demanda e produção se liga diretamente à cliente final.

Olha, a primeira coisa que eu acho importante também é a questão de você conhecer suas clientes. Você precisa meio que saber o que está acontecendo dentro da casa da sua cliente, se ela está trabalhando se o marido está desempregado. Você depende da situação financeira dela para garantir seu serviço. (ÁGATA).

A fala de Ágata explicita uma competência que se apresenta determinante para a costureira autônoma que trabalha em casa, ela precisa conhecer o próprio negócio, o ambiente econômico e suas peculiaridades organizacionais. A partir do domínio desses elementos, cada costureira desenvolve estratégias que lhe servem de norte para realizar o trabalho numa sequência que vai do geral ao particular, de forma articulada.

Tem época que eu tenho mais conserto e ajuste de roupas, aí eu sei que a situação está mais difícil, está todo mundo sem dinheiro. Os ajuste e conserto eu faço rápido, não dá para cobrar muito caro, aí eu ganho na quantidade. (ÁGATA).

O agir competente das costureiras ganha vida em um elevado grau de autogestão do próprio trabalho; o domínio de todo o processo do ofício lhes garante por exemplo a liberdade para atuar em diferentes modalidades do

ofício. Sendo assim, para lidar com a sazonalidade do trabalho, as costureiras precisam gerir as variabilidades do negócio. Trata-se de uma competência para gestão dos imprevistos externos, mas que precisam ser tratados dentro das diferentes modalidades do ofício de costureira. Por exemplo, Jade atua também como costureira faccionista na montagem de roupas, ou seja, recebe das confecções as peças e o trabalho consiste em costurar as partes da roupa já cortadas.

Eu pego serviço de facção para garantir uma renda quando eu sei que estou com poucas clientes para fazer roupa completa. Eu dou os “meus pulos”, não fico parada esperando a crise chegar. (JADE).

Costureira faccionista é a profissional que presta serviços terceirizados às oficinas de costuras ou grandes confecções. Ela recebe lotes de peças cortadas para costurar conforme a peça piloto e a ficha técnica, que também são fornecidas. Uma das principais habilidades requisitadas da costureira é a capacidade de copiar fielmente a sequência de montagem das peças inteiras, partindo da montagem da peça piloto da ficha técnica.

É talvez nessa modalidade, costureira faccionista, que se localiza uma notável prescrição do trabalho, ou seja, trabalhando no ofício na modalidade de faccionistas as costureiras precisariam desenvolver algumas tarefas específicas, o trabalho consiste em atender especificações sob as quais não exercem controle. No entanto, Pereira e Aranha (2006), no artigo “O saber das costureiras faccionistas da indústria de confecção de Divinópolis”, evidenciam que mesmo no trabalho a domicílio os empresários (donos de grandes confecções) têm buscado explicitar e apropriar-se dos conhecimentos das costureiras. Isso fica claro, por exemplo, quando as autoras verificam que, cada vez mais, os empresários buscam as costureiras faccionistas para resolver problemas que eles não conseguem, tais como dificuldades no corte das peças, na definição de modelos, na finalização de produtos, entre outros.

Para as grandes confecções, a terceirização da mão de obra se justifica pelos aspectos de simplificar o processo produtivo, reduzir os custos e se desassociar totalmente de qualquer vínculo empregatício com as costureiras, além de pagarem um valor inferior para cada costureira. Na cadeia têxtil, o ramo de confecções faz uso intensivo do trabalho, empregando majoritariamente mulheres e é fortemente marcado pela informalidade. A reprodução da divisão sexual do trabalho, nesse setor, garante, assim, o substrato que sustenta condições precárias e rebaixadas de trabalho que destoam de setores tradicionais da indústria. Ressalta-se que o trabalho no setor de confecção sempre apresentou condições muito inferiores ao prescrito na legislação nacional, pois uma das estratégias de concorrência desse segmento é recorrer à subcontratação da produção, deslocando-a para regiões onde os custos do trabalho são mais baixos (COLOMBI; LEMOS; CORRÊA, 2020, p. 241).

Do ponto de vista das costureiras, elas precisam desenvolver apenas algumas tarefas específicas, não tendo uma visão da produção da peça inteira. No entanto, é nesta atividade de costureiras faccionistas que são evidenciadas outras competências. As costureiras faccionistas adquirem saberes, a partir das relações estabelecidas dentro do grupo familiar, no relacionamento com outras costureiras, com empresários, nos grupos sociais que frequentam ou nas relações de/com o trabalho. “Esses saberes estão relacionados às formas de viver e vivenciar o mundo, e isso constitui uma faceta da sua relação com o saber” (PEREIRA; ARANHA, 2006, p. 104).

O aspecto mais evidente na atividade da costureira faccionista é como o processo produtivo geralmente é estruturado; gestão de estoque, cronograma de entrega, gestão financeira são elementos constantes no trabalho. As mulheres costureiras possuem o domínio do processo da costura, bem como múltiplas competências relacionadas à atividade empreendedora, competências caracterizadas culturalmente como traços masculinos como, por exemplo, a racionalidade, a autoconfiança e o empreendedorismo. Estas competências, por sua vez, são mobilizadas e incorporadas à atividade, de

forma inconsciente, muitas vezes nem são percebidas por elas como competências.

O aviamento é sempre por minha conta, se eu for comprar para sobrar eu perco dinheiro, é um dinheiro parado, é um dinheiro que eu gastei mas se não vier mais roupa desse tom é um dinheiro perdido. (JADE).

No caso de Jade, ela recebe da confecção apenas o tecido já cortado, outros materiais como linhas, agulhas, zíper, viés e elásticos devem ser providenciados por ela. Neste contexto, ela é capaz de intervir de modo a permitir que tenha lucro no processo produtivo, ainda que tenha pouca liberdade para definir quanto receberá por cada peça de roupa montada. Ela recebe o pagamento por semana ou quinzena, mas sempre depois que as roupas são entregues.

Quer isso dizer que ela deve ser capaz de lidar com questões complexas para além do ofício, por exemplo, precisa de planejamento financeiro e cronograma de entrega, para fazer a gestão com sucesso; também precisa ter um bom conhecimento em gestão de estoque, gestão do tempo, disponibilidade da máquina de costura, sobre finanças, dentre outros, e conjugando-os com as variabilidades que se manifestam em seu dia a dia.

De acordo com Pereira e Aranha (2006), a costureira confunde-se com seu próprio trabalho, traz algo que é próprio de cada uma e que está muito relacionado à sua trajetória pessoal. Essa singularidade acarreta diferentes formas de vivenciar o cotidiano de trabalho, de apreender, de gerir e de organizar o trabalho, conforme exemplo apresentado:

[...] trabalhar é criação, aprendizagem, desenvolvimento, dominação e aquisição de saberes. Quando, por exemplo, as irmãs faccionistas observadas durante a pesquisa de campo, alegam dividir no processo de trabalho as tarefas da produção e enquanto uma fica mais com a costura e tenta resolver os problemas da produção, a outra fica com a parte de negociação do preço das peças, de cobrança das notas e organização da quantidade de peças, na

verdade, percebemos que elas estão em um processo de compartilhamento de saberes, de aprendizagem, de desenvolvimento. (PEREIRA; ARANHA, 2006, p. 106).

No exemplo citado pelas autoras, ainda que as duas costureiras estabeleçam uma divisão das tarefas, elas se desdobram no processo de trabalho, aprendem, adquirem saberes e, com isso, passam a dominar o processo de trabalho como um todo, sendo capazes de, na ausência da outra, dar prosseguimento ao que deve ser feito, e esses saberes são importantes para suas vidas. Assim, o trabalho não é só produção de mercadorias e de mais-valia, é também criação de si, do mundo e de diversas relações sociais (PEREIRA; ARANHA, 2006).

Schwartz (2000) esclarece que o ser humano não é passivo diante das normas que antecedem a realização do trabalho, expressas, por exemplo, na ficha técnica ou peça piloto – caso da costureira faccionista. Ela não reproduz simplesmente a norma, ela faz uso de si e estabelece um debate com as normas, alterando estas normas, renormalizando-as. Toda investigação baseada na abordagem ergológica do trabalho demonstra que a atividade desenvolvida pelos indivíduos traz o esforço para dominar o meio e organizá-lo segundo seus valores. Para o autor:

Toda forma de atividade em qualquer circunstância requer sempre variáveis para serem geridas, em situações históricas sempre em parte singulares, portanto escolhas a serem feitas, arbitragens – às vezes quase inconscientes – portanto, o que eu chamo de “usos de si”, “usos dramáticos de si”. Simplesmente, em nossa época, é verdade que a forma do trabalho como emprego ou mercadoria é, de um modo geral, quer dizer, nem sempre, o modo mais rico de ativação dentre estes modos “dramáticos”. (SCHWARTZ, 1996, p. 151).

Schwartz (1998) expressa claramente que o agir competente integra o conjunto da relação entre, de uma parte, os homens e as mulheres e, de outra

parte, seu meio, seu meio de vida, no seio do qual se encontra o meio de trabalho. Assim, o agir competente é fruto das relações sociais e acontece de forma permanente no processo de trabalho das costureiras.

Jade e Ágata mencionam que a experiência de vida as deixou mais preparadas para sua atividade, favorecendo que compreendessem melhor tanto as competências para o ofício quanto as situações de gestão do negócio.

Assim, os resultados discutidos nesta pesquisa possibilitaram identificar e compreender o agir competente da mulher costureira, desvelando sua complexidade, e, assim, desmistificando a naturalização de “competências femininas”. O agir competente dessas mulheres fica invisível e é considerado de menor valor, mas é imprescindível no mundo de trabalho. As costureiras apreendem constantemente o ofício na prática e nas relações sociais, assim como na troca com as clientes e com outras mulheres. Costurando em casa, de forma autônoma, elas conseguem suprir as necessidades de sobrevivência da família.

Importante ressaltar que uma das características mais marcantes do trabalho domiciliar é o fato de esta ser uma atividade essencialmente feminina. Este fenômeno apresenta um viés de gênero muito demarcado, pois facilita a inserção das mulheres no mercado de trabalho, reforçando e naturalizando a responsabilidade de conciliarem trabalho e família.

Pelo fato de ser desenvolvido na própria casa, o ofício de costureira implica necessariamente em transformar a casa no espaço de sua produção, exigindo organização do espaço doméstico, seja nos aspectos físicos, seja nos sociais e familiares. Observou-se que, embora a atividade resulte implicitamente em invasão da sua intimidade, como as costureiras não possuem condições para destinar um espaço exclusivamente para o trabalho, tanto elas quanto seus familiares demonstram uma aceitação da invasão de sua intimidade como algo inerente ao ofício.

Com a transformação da casa em local de produção, novos conhecimentos são requeridos. Muitas costureiras começaram exercendo o

ofício em máquinas manuais ou de pedais, mas para acompanhar o processo de modernização aprenderam a costurar nas máquinas de motor industriais.

Essas máquinas novas rodam de acordo como você pisa, é igual carro. Quanto mais você acelera mais ela corre, se você pisar devagar ela vai mais lenta. Tem que pegar o jeito da máquina, pisar leve e sentir a máquina, aí você vai acelerando até a costura ficar boa. (ÁGATA).

Ainda que já adaptadas a costurar em máquinas de mão ou de pedal, para atender às altas demandas de produção as costureiras desenvolveram condição para a aquisição de novas competências; utilizar as máquinas industriais possibilitou uma nova organização do trabalho, desta forma, ao lado da experiência, as costureiras precisaram de novos conhecimentos.

A máquina industrial é mais rápida, você não precisa ter muita dificuldade. A máquina pequena antiga você tem dificuldade para encher carretilha, na industrial você também tem que encher, mas se você encher várias carretilhas você adianta seu serviço. (JADE).

Sobre a modernização do setor de confecção, Briguglio *et al* (2020) faz um alerta importante: ainda que o setor tenha passado por um conjunto de transformações importantes em relação a tecnologia, a produção no segmento industrial permanece assentada no binômio máquina de costura e costureira.

Considerações finais

Neste artigo touxemos algumas inquietações: “trabalho de mulher” e “lugar de mulher”; “mulher é detalhista”; “mulher é paciente”; “mulher é mais habilidosa”. Tais estereótipos, pautados em uma lógica inerente à constituição do sexo feminino, sempre nos provocaram, principalmente quando explanados como competências naturais da mulher. Por isso buscou-se enfatizar a necessidade de ampliar a discussão em busca de desvelar os processos

sociohistóricos que determinam as desigualdades entre os sexos na sociedade e na atuação profissional. Não obstante, tem-se ainda uma longa jornada para dar visibilidade à efetiva contribuição feminina para a reprodução social e para a atividade econômica no campo dito produtivo. As mulheres tendem a reproduzir no mundo do trabalho as atividades que realizam no espaço privado, destacando-se, em geral, em ocupações com remuneração inferior ou nenhuma remuneração. O trabalho é visto a partir de uma perspectiva masculina dentro de um sistema de valores patriarcal.

A partir da análise da divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos, identificam-se fatores contributivos, ainda que não explícitos, que impedem que as mulheres tenham acesso às mesmas oportunidades que os homens. Percebe-se que as diversas desigualdades existentes, implicadas na relação entre os sexos, não são resultados de diferenças físicas ou psicológicas, mas são criadas a partir das relações sociais construídas historicamente e culturalmente.

Hirata e Kérgeat (2020, p. 23) afirmam ser “impossível falar de divisão social do trabalho ancorando-a na doxa marxista, sem dar um lugar determinante à divisão sexual do trabalho”. As autoras mostram que a teorização em termos de papéis sociais era inadequada para pensar a realidade do trabalho. Nesse sentido, reconhecer que as relações sociais em uma sociedade de classes, com a presença do patriarcado, apresentam expressões simbólicas e materiais na vida das mulheres, significa não conceber esses processos como naturais e imutáveis.

A determinação de lugares e funções para homens e mulheres de maneira natural, como se suas capacidades fossem inerentes ao sexo biológico e, portanto, impossíveis de serem superadas, ainda existe na sociedade atual, e é justamente a possibilidade de superação que intriga e conduz à busca desta pesquisa.

Referências

BRIGUGLIO, Bianca; GRECCO, Fabiana; LINDOSO, Raquel; LAPA, Thais. As proposições teórico-metodológicas de Danièle Kergoat e Helena Hirata. *Revista de Ciências Sociais*, n. 53, 2020.

COLOMBI, Ana Paula Fregnani; LEMOS, Patrícia Rocha; CORRÊA, Ellen Gallerani. Ofensiva patronal e vulnerabilidade laboral: os efeitos iniciais da reforma trabalhista a partir do relato de empresários e sindicalistas da indústria de confecção paulista. *Revista de ciências sociais-política & trabalho*, João Pessoa, n. 53, p. 239-257, 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Sociologia e natureza: classes, raças e sexos. In: KÉRGOAT, Danièle (org); FALQUET, Jules (Org). *Partie 4 intersection des multiples inégalités: genre, race et classe sociale*. 2016.

HIRATA, Helena. KÉRGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 263-278, 2008.

HIRATA, Helena; KÉRGOAT, Danièle. Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Revista de Ciências Sociais-Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 53, p. 22-34, 2020.

MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher, São Paulo 1920-1950*. São Paulo: Senac, 2007.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, 2012.

PEREIRA, Rosângela Maria; ARANHA, Antônia Vitória Soares. O saber das costureiras faccionistas da indústria de confecção de Divinópolis. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 101-115, 2006.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. *Manual de Investigação em Ciências Sociais-Trajectos*. 2 ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. *Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher: um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. *Revista Tempo Social*, São Paulo, n. 2, v. 8, p. 147-158, 1996.

SCHWARTZ, Yves. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 65, p. 101-140, 1998.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. *Pro-posições*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 34-50, 2000.

SCHWARTZ, Yves. Do desvio teórico à atividade como potência de convocação dos saberes. *Serviço Social e Saúde*, Campinas, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2007.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Mulheres e moda em São Paulo: das vitrines iluminadas às sombrias salas de costura. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 31, p. 565-572, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Édson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Recebido em janeiro de 2022.
Aprovado em julho de 2022.